

Dança x

TÂNIA CARVALHO

ONIRONAUTA

30 JAN – 2 FEV 2020

QUI, SEX 21:00

SÁB 19:00

DOM 17:00

Grande Auditório

M/6

DANÇAR COMO NUM SONHO

R: Como vês o teu percurso a partir de dentro, tendo em conta o amadurecimento do teu trabalho? Tem sido importante a construção de uma linguagem autoral? De te afirmares como coreógrafa ou de afirmar uma marca autoral sobre o trabalho? Fala-se muito da “linguagem Tânia Carvalho”. Torna-se uma marca forte, como se tivesses um estilo muito próprio.

T: Quando falo com amigos ou pessoas com quem estou à vontade, a sensação com que fico é que não tenho um estilo. É complicado explicar mas não tenho o objetivo de fazer uma coisa que só eu é que faço, até porque uso coisas muito cliché. Nesta última [*Onironauta*] brinco imenso com isso. E vou buscar coisas que já se fizeram, que me inspiram, e depois tento fazer uma mistura nova – aí sim, à minha maneira. Mas não sei se tenho um estilo que seja igual em todas as peças. Quase toda a gente diz que sim, que é possível ver se uma peça é minha ou não. Não sei como é que conseguem, mas dizem-me que sim. Tento estar sempre atenta àquilo que aparece.

J: Neste *Onironauta*, primeiro apareceu o título ou a imagem da peça?

T: A peça apareceu primeiro e transformou-se. Sofreu uma transformação grande entre o que eu achava que ia fazer e o que está agora. Comecei com o Luís [Guerra] a experimentar movimentos. Fiz duas residências só com ele. Queria experimentar fazer uma frase de movimento comprida, em que eu olhasse para a frase e tivesse várias referências.

J: Como inicias o processo? Pedes ao Luís para improvisar?

T: Não. Eu mostro, digo “faz assim”. Às vezes utilizo também vídeo. Filmo-me e o Luís aprende com o vídeo.

J: E a partir da repetição desse movimento, vais afinando?

T: Sim, nesta frase específica vou afinando.

J: Trabalhas de uma forma sequencial, do início ao fim, ou é uma coisa que depois vai sofrendo colagens?

T: Esta começou no início. Foi sempre em linha, acrescentando. Depois ele trabalhou imenso a sequência, afinando, e até foi ele que a passou aos bailarinos, porque já a sabia fazer e eu fui esquecendo. Na verdade, não a sei fazer. Essa é a frase central da peça. Aparece de várias formas, em vários momentos. Às vezes, estão todos a fazer a mesma frase em sítios diferentes, e parece que estão a fazer coisas diferentes; outras vezes, estão todos a fazer a mesma, mas com uma das partes isoladas... No início, imaginei uma peça em partes em que há duetos, trios, solos. E com *intermezzos*. Só que depois estava a olhar para a frase e começou a destruir-se tudo na minha cabeça e a surgir esta nova peça.

J: Como é que se dá o trabalho com os bailarinos? Neste caso houve a transmissão de uma frase que construíste *a priori*. Depois como é que o processo se desenrola?

T: Eles aprenderam a frase com o Luís e, ao mesmo tempo, para não estarem sempre a fazer a mesma coisa, fui construindo partes do resto. É uma peça que tem muitas frases, tem frases pequeninas para cada um, já pensadas para aquelas pessoas, e também tem muito da técnica de dança clássica e moderna. Tem que ver com isto de navegar nos sonhos. Pensei: “se uma peça de dança fosse navegar num sonho, o que é que me surgia?”.

J: Ou seja, não é a concretização de nenhum sonho que tenhas tido?

T: Não de um sonho específico mas desta ideia de sonhos lúcidos, o que é estar num sonho lúcido. A peça começou a mudar um bocado por isso.

J: Sonho lúcido é quando sonhas e tens consciência de que estás a sonhar e podes tomar decisões dentro do sonho?

T: Sim. Fiz uma peça baseada nisso, mas esta não é sobre isso. Os sonhos às vezes também podem ajudar a resolver coisas. Pensas “ah, como é que eu faço esta parte?” e depois sonhas porque estás com aquilo na cabeça, e pensas “que giro, vou usar”. Mas a peça não é sobre um sonho.

J: Sonhas com regularidade?

T: Sim, bastante. Só que muitas vezes há coisas que não consigo fazer, que são muito doidas.

J: Costumas interpretar esses sonhos?

T: Sim. Às vezes, peço para sonhar com certas coisas, para me ajudar a resolver os problemas.

J: E concretiza-se?

T: Já o faço há muito tempo. Pergunto “o que é que eu faço aqui?” e às vezes aparece-me. Nem sempre, mas muitas vezes.

J: Esta peça aparece na sequência dessa experiência?

T: Também. Houve partes que fui buscar aí. Há coisas que já tinha feito, por exemplo no concerto *Madmud*, e há algumas músicas que são ideias que vieram de sonhos (...).

J: Tu gostas sempre de fazer música original para as peças?

T: Gosto. Não é que o faça sempre, mas prefiro ter música original.

J: Disseste que tentas sempre fazer música original porque achas que usar música pré-existente invoca memórias que já foram construídas e experienciadas noutra momento. Agora que estás a voltar ao *Madmud*, que memória estás a reinvocar?

T: Não deve haver muita porque pouca gente viu esse concerto. Mas a mim faz-me sentir um bocado aquele tempo em que comecei a cantar e tocar ao piano. Também me faz sentir que há uma quebra do tempo. Que não há tempo, está misturado, é uma espécie de memória que vem para o presente e que é minha, e estou na mesma situação em que me estava que ver.

J: Tens uma relação de intimidade com os teus processos, não é? Pedes aos bailarinos para não falarem muito fora do espaço de trabalho. Achas que isso deve-se ao facto de o trabalho poder vir a ser visto de uma forma já enquadrada antes de ser mostrado?

T: Não sei, acho que é uma espécie de superstição. Faz-me impressão estar a falar de uma coisa que ainda não nasceu. Pode correr mal. Não me importo que saibam como é que trabalho. Não quero falar enquanto não dá para mostrar... é como aquela coisa do vestido de noiva que ninguém vê. É uma parvoíce, eu sei. Mas também já estou melhor. Agora estou a ficar mais relaxada.

J: Daí também evitares falar sobre os trabalhos em público?

T: Sim, porque dá-me a sensação que as pessoas acham que eu sei exatamente tudo aquilo de que estou a falar, mas não sei [risos]. É uma sensação estranha... Eu sei como é que foi criado, mas é muito complicado para mim explicar como é que aquela ideia apareceu, como é que se constrói aquilo.

R: Em algumas entrevistas e também nos títulos do teu trabalho, a palavra “intuição” parece estar muito presente. Mas em trabalhos de maior dimensão (como *Orquéstica*, *Icosahedron*) que são muito geométricos, matemáticos – e em que constróis o movimento e depois passas essas células aos grupos – como é que a intuição coabita com essa logística?

T: É uma coisa muito abstrata. Formas que passam umas pelas outras... Também é intuitivo porque imaginas as coisas e elas quase que mexem sozinhas. Tu vês e comesças a fazer os esquemas. Quando falo em intuição tem que ver com essa coisa de tentar assentar e ver o que é que aparece. Às vezes, estás a escrever um texto e falta-te a palavra certa ou o título certo. Depois relaxas e ele aparece. É a mesma fórmula: quero fazer uma coisa, aparece-me uma imagem, mas não está bem definida. E eu adoro fazer esquemas matemáticos porque para mim os números e as formas são muito emocionais, têm energias próprias. Um quadrado tem uma energia, um círculo tem outra, não dá para escapar. É uma comunicação direta de formas. Brincar com isso é como fazer música, na verdade. [Os bailarinos] quase que deixam de ser pessoas, são peças.

J: No entanto, em peças como *De Mim Não Posso Fugir*, *Paciência* ou *Grasped by Intuition*, sinto que há uma espécie de manifesto, não apenas aquilo que acreditas que é o teu trabalho, aquilo que promoves como uma

forma de fazer, mas, por outro lado, quase uma posição face a um trabalho mais conceptual na dança, por exemplo. Como é que te relacionas com isso?

T: Não, eu gosto de ver trabalhos conceptuais e gosto muito que haja pessoas que fazem diferente de mim. Quando falo da minha forma nunca estou a dizer que é mais eficaz ou melhor ou que é em oposição a alguma coisa. Porque adoro ver imensas coisas que não têm nada que ver com isto. Adoro ouvir pessoas a teorizar sobre arte, mas ir eu falar, ou dar uma conferência, não vou. É a mesma coisa com o trabalho: é a minha forma de estar, mas não é em oposição aos outros, porque preciso dos outros.

R: Para mim é perfeitamente conciliável a intuição e a razão, ou a intuição e a teoria. Às vezes tenho a sensação de que a forma como falas pressupõe uma certa oposição. Como se houvesse algo que é mais da ordem do movimento e que portanto seria menos textual, menos temático, ou que poderia ser puro som, puro movimento; e, por outro lado, algo que seria então mais temático, mais textual, mais teórico...

T: Isso é a forma como as pessoas interpretam as coisas que digo. Eu acho que a intuição e a razão vivem juntas... O que digo é: quando estou a fazer peças, falo sobre as coisas depois de elas aparecerem, e nunca antes. Vem-me uma ideia, ou uma imagem, e depois começo a pensar sobre ela. Aconteceu o oposto na *Tecedura do Caos* porque me pediram. Eu sozinha não o faria, “vou pegar neste livro, nesta história, e fazer uma peça sobre isto”. Mas aí fi-lo e não tive problema nenhum. Teorizar sobre as coisas, adoro que o façam, mas ser eu a escrever sobre as minhas coisas não gosto, porque se for eu a explicá-las vão ficar limitadas naquele espaço. E se sou a criadora, devo saber – mas não sei, a verdade é essa. Por isso é que digo: não sei mais do que a pessoa que está sentada ali a ver. Se for eu a dizer o que acho que esta peça é, a pessoa que está a ver vai achar que aquilo é 100% certo. Mas eu posso ser uma coisa hoje e outra amanhã, e aquela pessoa só viu a de ontem e vai ficar fechada naquele círculo.

Entrevista a Tânia Carvalho por Rita Natálio (R) e João dos Santos Martins (J), dezembro de 2019



© Rui Palma

COREOGRAFIA, DIREÇÃO
Tânia Carvalho
ASSISTENTE DE ENSAIOS

Luís Guerra
MÚSICOS
André Santos, Tânia Carvalho
BAILARINOS
Bruno Senune, Catarina Carvalho,
Cláudio Vieira, Filipe Baracho, Luís
Guerra, Marta Cerqueira, Vânia
Doutel Vaz

MÚSICA
Frédéric Chopin, Tânia Carvalho
DESENHO DE LUZ
Anatol Waschke
FIGURINO
Cláudio Vieira, Tânia Carvalho
(maioritariamente com artigos Só
Dança)
SAPATILHAS
Linha vegan Só Dança
DIREÇÃO TÉCNICA
Anatol Waschke
TÉCNICO
Juan Mesquita

PRODUÇÃO
Tânia Carvalho
PRODUÇÃO EXECUTIVA
João Guimarães
DIFUSÃO
Pia Krämer
COMUNICAÇÃO
Sara Ramos
RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS
Centro Criação de Candoso -
Centro Cultural Vila Flor, CSC
Garage Nardini - Bassano del
Grappa, K LAP Maison Pour la Danse,
O Espaço do Tempo
COPRODUÇÃO
Centro Cultural Vila Flor, Culturgest
Lisboa, K LAP Maison Pour la Danse,
Teatro Municipal do Porto Rivoli -
Campo Alegre
APOIO FINANCEIRO
Fundação Gulbenkian - Lisboa
APOIO
Com Calma - Espaço Cultural
PATROCÍNIO
Só Dança

Brevemente

BORIS CHARMATZ Dança x /TERRAIN

10000 GESTOS

21-22 FEV 2020

SEX 21:00

SÁB 19:00

Grande Auditório

M/6

ANNE TERESA Dança x DE KEERSMAEKER & SALVA SANCHIS

LOVE SUPREME

22-23 MAI 2020

SEX 21:00

SÁB 19:00

Grande Auditório

M/6

Culturgest